

Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón Milão, 22 de outubro de 2014

*Texto de referência: Julián Carrón e Davide Prospero,
“Não sou quando não estás aqui”, Passos nov/2014 (p. 13-24)*

- *La notte che ho visto le stelle*
- *Il desiderio*

Glória

Recomeçamos! Como lembrava Davide, na Jornada de Início de Ano, “o primeiro propósito de recomeçar [...] é não perder o gosto do caminho” (p. 14), porque é a única coisa que mantém aceso o desejo. Mais uma vez, os cantos nos ajudam a identificar a questão. “Na noite em que vi as estrelas / não queria mais dormir, / queria ir lá no alto para ver / e para entender” (“La notte che ho visto le stelle”, letra e música de C. Chieffo). Não tem nada de sentimental! Porque o desejo, diz Gaber, “é o primeiro impulso para conhecer e entender” (“Il Desiderio”, G. Gaber e A. Luporini). Por isso, nós retomamos o caminho, pelo desejo de conhecer e entender. Mas conhecer e entender o quê? O real. “Na noite em que vi as estrelas / não queria mais dormir / queria ir lá no alto para ver / e para entender”, e daí vem todo o resto. Por isso, nós nos importamos com esse caminho, porque sem significado, sem entender o significado da vida, vivemos mal, não vivemos como homens, vemos somente o nosso retrocesso, que as palavras não conseguem deter. Porque também nós podemos estar parados. “Agradeço-lhe pela Jornada de Início de Ano, porque você falou exatamente para mim. Tentarei explicar o que me aconteceu. Já havia algum tempo que eu estava estagnada, a minha autoconsciência estava estagnada. Percebia isso porque o meu eu não crescia e o que prevalecia diante dos desafios contínuos que a vida me colocava era o lamento, a tristeza, a ansiedade. Levantava de manhã me perguntando: o que eu faço agora? Como preencho o vazio e o meu dia? Não via qual era a tarefa, o sentido e a vocação da minha vida. As coisas que eu fazia eram só uma atividade para não sentir a tristeza [mas isso não basta, nem mesmo se conseguimos preencher o tempo com coisas para fazer]. Em suma, um verdadeiro inferno que me sufocava. Todas as experiências vividas nestes anos tinham sido quase esquecidas, como aconteceu com os discípulos, que tinham a ‘padaria’ com eles, mas se lamentavam da falta de pão. Não tinha mais nenhuma esperança. No sábado de manhã, fui pegar o ingresso para a Jornada de Início de Ano e li o título: ‘Não sou quando não estás aqui’. Pensei: essa sou eu, porque o meu coração me dizia exatamente isso. Percebia que essa era a minha situação, mas não conseguia sair dela. Enquanto voltava para casa, de repente senti-me leve e com uma alegria cuja origem não sabia explicar. Tinha certeza, porém, de que não era um sentimentalismo ou a prevalência de um estado de ânimo positivo, o meu coração me dizia isso porque sentia um sobressalto; apenas sabia que havia essa alegria e não via a hora de ouvi-lo na Jornada. Quando você começou a falar, tudo me descrevia e a canção de Gaber parecia escrita para mim. O texto da palestra ainda não foi publicado e, por isso, não saberia retomar os pontos que você apresentou, mas posso lhe dizer com segurança que, seguindo você, o meu eu é despertado e a minha autoconsciência está novamente em movimento, porque os desafios da vida são os mesmos, inclusive, ultimamente, aumentaram, e, apesar disso, tenho uma segurança que me faz enfrentar tudo com a certeza de que Ele vence tudo, que me quer agora e que a minha vida tem um sentido. Obrigada pelo trabalho que, com paciência, está nos levando a fazer, como um pai que não para de me corrigir, mas que também me encoraja, indicando-me o caminho que desperta continuamente o meu eu”. Li isso para começar porque aqui está o método. Ela conseguiu entender a Jornada de Início de Ano, perceber todo o seu alcance porque já tinha acontecido a ela como experiência. Porque, no fundo, tinha feito uma experiência que a ajudou a entender. Não é que primeiro precisamos entender e, depois, vem a experiência; não,

entendo porque faço a experiência na vida. Este é o método, desde o primeiro capítulo de *O senso religioso*. Se quisermos entender o que é o senso religioso, é preciso não partir dos livros, mas da experiência. Nós só podemos entender todo o alcance daquilo que nos é dito e do que lemos nos livros se, fazendo o caminho, partimos da nossa experiência, porque, senão, podemos repetir as coisas, podemos pensar que possuímos aquilo que lemos, mas nada muda, e a pessoa fica parada e se lamenta. Mas com essa amiga já tinha acontecido algo, antes mesmo da Jornada, simplesmente a partir do primeiro contragolpe, do pressentimento do verdadeiro provocado apenas pelo título. É esse impacto com a realidade que nos desperta.

Colocação: *Sou professor, e poucos dias atrás fizemos uma convivência com uma parte do colégio que começou com uma aula vespertina no Planetário. Trezentas pessoas, entre estudantes e professores, e quando as luzes se apagaram houve um momento de escuro total, então apareceu a abóboda celeste e os trezentos não puderam deixar de exclamar: “Oooh!”. Uma reação de maravilha que surpreendeu até o expositor, que ficou como que meio paralisado. E, ali, lembrei-me imediatamente daquilo a que você chamou a atenção na Jornada de Início de Ano quando disse: “É como se a realidade, um momento antes de podermos nos defender dela, antes de levantarmos um muro contra ela, conseguisse penetrar no eu para torná-lo ele mesmo” (p. 16). Foi realmente um momento de sinceridade de todos, que tornou possível, depois, saborear os três dias que passamos juntos. Nos dias que se seguiram, falei sobre o que tinha acontecido na sala durante a aula, percebendo o que significa ser companhia também para os jovens: uma ajuda para não nos defendermos do convite da realidade, a ponto de tentarmos descobrir juntos quem nos chama através daquele “Oooh!” que fez nascer em nós. Fiquei impressionado com o quanto levar a sério, como hipótese de leitura da realidade, aquilo que você está nos propondo torna pleno também um particular que na maioria das vezes pode nos escapar, e como aquilo que acontece é a verificação da verdade daquilo que você nos propõe. O problema não é estar de acordo com você, mas arriscar naquilo que você diz para estar dentro das coisas.*

Carrón: O problema não é estar de acordo, o problema é que aconteça este “Oooh!”, porque mesmo se estivéssemos de acordo sobre os conteúdos, sem este contragolpe, tudo seria inútil. A questão é se no nosso caminho, se no caminho que cada um está fazendo, cresceu a possibilidade de se maravilhar, ou se ela foi eliminada por causa do já sabido. É isso o que os novos amigos sempre nos lembram: eles nos testemunham o que é o contragolpe do ser, o que é o contragolpe da realidade, o que é o contragolpe daquilo que cantamos sobre as estrelas, como aconteceu com os jovens no Planetário. Quase pegos de surpresa, não podem impor à realidade uma posse, impor o próprio esquema, a própria medida, as próprias categorias e, assim, não se deixar tocar. A medida do caminho é exatamente esta: se nós crescemos nessa disponibilidade. Mas, para nós, muitas vezes crescer significa que cresce o “já sabido”. Mas o “já sabido” não detém o retrocesso, porque o que todos nós desejamos é que reaconteça, diante de qualquer evento, diante de qualquer fragmento do real, esse maravilhamento, esse estremecimento que nos permite experimentar uma plenitude que nenhuma das nossas tentativas pode nos dar. E isso pode acontecer não só diante das estrelas, mas diante de qualquer fragmento da realidade.

Colocação: *Já faz algum tempo – sobretudo a partir da pergunta que Prospero fez na Jornada de Início de Ano – que tenho me questionado muito sobre o que me torna realmente eu mesma no cotidiano. Aconteceu um fato que me ajudou a entender mais isso: na semana passada, estava tomando um café com alguns amigos e havia um professor que olhava para o vazio, desconsolado, como que vencido por tudo. Eu sabia um pouco a história desse professor, sabia que estava doente, eu o conhecia, porém senti uma ternura infinita por ele e, então, me aproximei simplesmente para perguntar como estava. Fiquei impressionada, porque subitamente a expressão de seu rosto mudou, como se esperasse que alguém o tratasse como homem. Começou a me falar sobre sua doença, sobre o fato de que para ele tudo era um obstáculo no dia a dia. Isso me impressionou, porque, aos poucos, ele foi me fazendo recobrar a consciência daquilo que tomou a minha vida, e aquela questão sobre o que faz com que eu seja verdadeiramente eu mesma estava diante de mim.*

Naquele último período, eu nunca tinha sido eu mesma como naquele instante no qual segui o meu coração, aquele contragolpe inicial. E me impressionava, porque devia ter falado com ele três vezes na vida, era um estranho, mas se tornava um companheiro incrível para a minha vida. Também fiquei impressiona, sobretudo, em relação a outra coisa que você disse em Assago: que a realidade se torna nossa companheira. Naquele instante, foi como se alguém tivesse me dado um tapa e tivesse me dito: olha que a realidade, assim como é, é para você, para o ponto do caminho no qual você se encontra; agora, com as perguntas que tem, se você a olhar até o fundo, verá que a realidade é para você; porém, é necessário que você aceite o desafio, deve ser profundamente humana. E, para mim, ser humana naquele dia foi simplesmente ir atrás daquele contragolpe inicial e não do “já sabido” (isto é, que se tratava de um doente), senão, não teria nem mesmo perguntado como ele estava. Esse episódio me toca porque é como se tivesse me dado novamente os instrumentos para entender quando sou eu mesma. Porque, muitas vezes, eu penso que o problema são as circunstâncias. Mas a coisa mais incrível que estou descobrindo é que consigo usar uma máscara quando estou com os amigos mais queridos e, no entanto, alguém que nem conheço me “fala” desse modo. Então, qual é o ponto?

Carrón: A seu ver, qual é o ponto?

Colocação: *Ali, descobri que fui atrás do contragolpe inicial do meu desejo.*

Carrón: Não importa o rosto com que a realidade se apresenta. Pode ser uma pessoa que passa uma dificuldade e se torna companheiro, faz com que me torne eu mesmo, a ponto de ver que a realidade é para mim; não aquela irrealidade que eu imagino, mas aquela ali em que me encontro, dada, que está diante dos meus olhos. Como me escreve outra pessoa, sobre a doença da filha: “Enquanto esperava [o final da cirurgia da filha], olhando em volta, notava nos rostos preocupação e angústia, mas eu não estava preocupada. E me perguntei: ‘Será que estou louca?’”. E a resposta foi evidente: eu estava tranquila porque tinha certeza de que minha filha estava, antes de tudo, nas mãos dos médicos mas, sobretudo, nas mãos d’Aquele que a ama e que a tomou, e me tomou. Sou realmente grata porque, nas circunstâncias que me dá para viver – este ano, inclusive, muito difíceis –, Cristo me permite fazer experiência de uma plenitude indescritível. Eu não sou se não estás aqui. Para mim, é cada vez mais evidente que somente Ele preenche o meu coração, e o desejo que experimento a cada manhã é o de perceber como me surpreenderá. O meu desejo está cada vez mais escancarado. Não me contento em viver tranquila, quero saborear a realidade através da modalidade com a qual essa realidade me é dada”. Porém, depois, muitas vezes nos surpreendemos com o fato de que decair faz parte da dramaticidade da vida, que podemos fazer essa experiência e, depois, decair.

Colocação: *Por causa do meu trabalho, normalmente já estou fora ao amanhecer e também à noite, quando todos voltam para casa cansados e tudo já está quieto, sem aquele frenesi. E, frequentemente, percebo que tudo é como que tomado por um abraço maior e revejo no instante a sucessão de acontecimentos que fizeram e fazem a minha vida e sou tomado por uma paz verdadeira, fruto da certeza de que tudo caminha para onde deve, isto é, para o meu bem e o de todos. Mas, depois, percebo que isso se perde no turbilhão do cotidiano...*

Carrón: “Mas, depois”. Eis o mítico “mas, depois”!

Colocação: *...no turbilhão do cotidiano, em que frequentemente sou tomado pela ânsia de precisar correr atrás de algo que ainda não chegou e nunca chega, mas também é como se, às vezes, precisasse estar atento para não perder alguma coisa.*

Carrón: Mas, antes, você tinha dado a si mesmo aquilo que percebia? Antes, você tinha se dado aquilo?

Colocação: *Não.*

Carrón: Por que aparece a ansiedade? O que não aprendemos daquilo que acontece? Não é que você não tenha experimentado! Mas é como se nós não aprendêssemos. Não fazemos experiência, não cresce a nossa autoconsciência e, depois, um instante depois, mudamos o método, como que precisando “correr atrás de algo”. Mas, você precisou ir atrás de alguma coisa para se maravilhar diante da realidade? Entendem aonde nos desviamos?

Colocação: Sim.

Carrón: E então?

Colocação: *É a desproporção estrutural entre aquilo que a pessoa espera e aquilo que pode alcançar com as próprias forças. E, para mim, é a percepção de estar perenemente à espera de algo que nunca chega e que não sei definir. E no concreto, bem..., com uma família, quer pelo dinheiro que não é suficiente e a que é preciso estar sempre atento porque podem aparecer despesas imprevistas, quer pelo trabalho que talvez não reflita o que se julgaria proporcional à formação profissional, quer, talvez, por certas posições assumidas por minha mulher, as quais posso não compartilhar e não aceitar, mas que envolvem a minha vida... me vem à cabeça aquela frase do Papa: “Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, deixar de lado a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho”. Parece-me, às vezes, que diminuir o ritmo signifique deixar para trás algo que talvez vá adiante, ou então terminar fora do caminho por me envolver, porque a tocha que pode levar ao abismo pode implicar, para mim, o medo de eu também acabar lá, porque não sou o puro que acompanha, mas o pobre coitado frágil que pode cair lá dentro. E, então, dou-me conta de que, por reação, nasce a tentativa de me proteger de algo que parece me atacar, que não percebo como uma ocasião para o meu amadurecimento. E não são necessárias, obviamente, as grandes temáticas, basta a cotidianidade banal. Mas, obviamente, aquilo que se percebe depois é que o dia se torna companheiro de um surdo lamento de fundo, que é constante, que nos deixa cansados, irritáveis, descontentes, nunca felizes. Você disse nos Exercícios que não basta obviamente que Ele esteja presente, nem o nosso fazer, mas é preciso viver aquilo que me faz crescer, implicando um juízo sobre o que provamos ou vivemos. E, então, lhe pergunto: o que me liberta dessa mesquinhez da fragilidade e da convivência com o mal?*

Carrón: Por que você se preocupa com a sua fragilidade? Você, com a sua fragilidade, ao nascer ou ao pôr do sol, se maravilha, de qualquer forma. Portanto, a fragilidade não é uma objeção para que você faça essa experiência. Quando nos desviamos – “mas, depois” –, começamos a correr atrás de tudo e a ir em direção ao abismo. Porque, se você não entende isso, isto é, se não entende onde está aquilo que faz você crescer, se não se dá conta quando acontece, acaba ficando à mercê da mentalidade de todos. Não é que nós não tenhamos feito experiência de algo que nos foi dado e que nos corresponde mais do que qualquer outra coisa; porém, como não nos damos conta disso, uma vez que nos desviamos (por uma circunstância qualquer), começamos a perseguir aquilo que todos perseguem. O que nos ajuda? Darmo-nos conta. Não tenho outra coisa a lhe dizer a não ser aquilo que você já viu na sua experiência. A questão é se você não aprende a partir da sua experiência. É esse o amadurecimento. O amadurecimento não é que você, a um certo ponto, não tenha mais esses problemas – todos os temos – mas que não é mais tomado pela ansiedade de precisar correr atrás. O que me fez levantar esta manhã? Quantas vezes temos consciência disso durante o dia? Continuamos a correr atrás, cada vez mais cansados, cada vez mais aborrecidos e, depois, dizemos: o que nos ajuda? O que nos ajuda é aquilo que você já viu, que tocou com a mão na sua experiência. Se nós não submetemos a razão à experiência, como Dom Giussani sempre nos ensinou, é como se não aprendêssemos, nunca! Toda a segunda palestra dos Exercícios é sobre esse ponto, porque os discípulos também não entendiam, assim como nós, muitas vezes, não entendemos. Não digo isso como uma repreensão, mas para que identifiquemos realmente onde está a questão, para que retornemos àquele ponto onde tudo me é dado, à realidade enquanto originada, dada. Esse é o problema crucial, diz Giussani. Lembremos: “[Este é o] problema do homem como religiosidade – que é o problema mais profundo e totalizante do homem –: é necessário, em primeiro lugar, tornar experiência pessoal [não que aconteça por acaso, bem cedo de manhã, sem dar-me conta pessoalmente do que está acontecendo: tornar experiência pessoal!] a relação entre o homem e a realidade na medida em que é originada” (p. 17), porque, daí, você não precisa correr atrás de nada além daquilo que você percebeu como correspondente. Caso contrário, não fazemos o caminho.

Colocação: *Este período, para mim, está sendo um pouco duro, a realidade “não se enquadra”. Começo o dia com o bom propósito de confiar tudo a Ele, e à noite, porém, me vejo recolhendo os*

cacos do meu projeto, que pontualmente causou danos. Às vezes, grito: “Onde estás?”. Esperava muito a Jornada de Início de Ano, e quando li o título “Não sou quando não estás aqui”, senti uma imediata correspondência. Então, aquele sábado chegou e, ouvindo o que você dizia, essa correspondência se fazia cada vez mais forte, porém...

Carrón: Não é que não fazemos experiência! “Porém...”.

Colocação: *Porém, se a letícia não permanece...*

Carrón: O mítico “porém” e o mítico “mas, depois” zeram tudo, como se não tivesse acontecido nada.

Colocação: *Porém, se a letícia não permanece depois de um dia como esse, alguma coisa está errada.*

Carrón: Não! Não é que esteja errado, está tudo muito bem. É que precisa reacontecer. A questão é que nós pensamos: uma vez que aconteceu, é para sempre. Você gostaria que seu marido, como já lhe disse uma vez: “Amo você”, não dissesse mais? De modo algum! Seria o tédio total no relacionamento. Você quer isso? Vocês realmente gostariam disso? Não é muito mais interessante que você tenha a urgência e a possibilidade de dizer mais uma vez e continuamente “Tu” a Cristo, que possa reconhecer que Ele está presente e que lhe quer bem? Essa é a questão. E então?

Colocação: *Mas, se as circunstâncias são o modo, o instrumento com o qual o Mistério se faz presente a mim, em minha vida, onde entra o desejo? Onde entram as escolhas que todos os dias, de qualquer maneira, a vida pede que eu faça? Porque, diante das circunstâncias, somos livres. Mas se, diante de uma coisa qualquer, eu escolho um caminho ao invés de outro, onde eu acolho o Mistério e onde não o acolho? Porque, se tudo aquilo que me acontece (mesmo as coisas dolorosas) é sempre o Mistério que vem ao meu encontro, o risco que corro é o de ficar sentada olhando, já que o Mistério está ali. Mas, não acho que seja assim. Há um tempo, eu vivi um período difícil e, num determinado momento, pensei até em mandar tudo para aquele lugar. Os meus amigos mais queridos me disseram que até aquela coisa pesada e dolorida era um recurso, era o Mistério que vinha ao meu encontro. No início, pensei que eles estivessem loucos. Depois, tentei confiar. Embora a experiência desses meus amigos, a quem quero muito bem, seja comovente, para mim não basta. Ou melhor, basta para que eu dê o primeiro passo, mas não para ir em frente; eu quero fazer pessoalmente a experiência do abraço do Mistério.*

Carrón: Veem? Por que você não fica sentado olhando, uma vez que o Mistério está ali? Por que não?

Colocação: *Porque senão, não seria livre, acho.*

Carrón: É, sim. Mas a questão é que para ficar ali, diante de uma circunstância como essa... como acontecia com os mártires diante dos leões. Já que o Mistério estava presente, então eles se sentavam e ficavam olhando?! Mas, para estar ali, diante dos leões, era necessária uma atividade! Como diz São Tomás, é necessária uma atividade para não fugir, para dizer sim à circunstância que nos é dada. Porque sem essa atividade a tentação que vem é a de fugir, diferente de dizer que como o Mistério está presente, fico ali, em paz! Não! A tentação é de fugir. No entanto, o que lhe permite ficar? No fim, você disse que algo, no fundo, não lhe satisfaz. Por isso, muitas vezes, não é que você está presente, você foge. Como o filho pródigo. Ele já tinha o pai, já tinha a casa; por que não ficou? Porque a situação não o satisfazia e, assim como acontece com você, ele tem vontade de fugir porque acha que esse seria um modo de ser mais livre, mais si mesmo. Quanto tempo será necessário para que o filho se dê conta de quem é, da necessidade que tem e possa ter a possibilidade de olhar para seu pai com olhos novos? É isso que é bonito. Nós achamos que a nossa liberdade e o nosso caminho não sejam necessários. Somente quando fazemos o caminho podemos nos dar conta do que nos convém escolher, em que consiste a liberdade; isto é, a satisfação do meu desejo – como Dom Giussani sempre nos ensinou a definir a liberdade –. Muitas vezes, a realidade que nos é dada não nos satisfaz. E a tentação não é a de dizer: como é o Mistério que a dá, fico aqui tranquilo. Não, a tentação é de fugir, mesmo que a realidade seja positiva, como no caso do filho pródigo. O que nos permite não fugir e perceber uma maneira diferente de olhar as coisas? Quando o filho pródigo começou a olhar as coisas de modo diferente? Quando compreendeu que comer com os porcos não era o máximo da vida, começou a dar-se conta da necessidade que tinha e começou a

olhar novamente de modo adequado a realidade. Não é que foi ao psicólogo, ou foi fazer yoga; simplesmente viveu a realidade até o fundo, e vivendo a realidade até o fundo entendeu o que era aquela realidade que pensava já conhecer; finalmente descobriu a realidade de si e do pai. Todo o caminho da vida está nisto: quanto tempo precisamos para entender essas coisas. Muitas vezes, nós pensamos: eu já sei. Você acha que já sabe quem você é, pensa que já sabe qual é a sua necessidade, acha que conhece a realidade, que conhece o seu marido, e tudo isso não lhe satisfaz. Quanto tempo será necessário para que você realmente conheça a si mesma, conheça bem a realidade e conheça bem seu marido? Esse é o caminho da vida. Se nós não fazemos esse caminho, podemos estar em casa como o filho mais velho: com o desconforto de ser filho, assim como nós, muitas vezes, estamos desconfortáveis na realidade, quando nada nos satisfaz. Por quê? Porque é um problema de conhecimento. Precisamos aprender a conhecer bem a realidade, de tal modo a poder percebê-la na sua verdade. Somente quem arrisca fazer esse caminho pessoal, diz Giussani, pode fazer se tornar “experiência pessoal a relação entre o homem e a realidade na medida em que é originada” (p. 17).

Colocação: *Seguindo o fio da Jornada de Início de Ano, a um certo ponto, você faz como que uma mudança de registro descrevendo a decadência na qual normalmente incorremos, chegando à imagem da gaivota, aquela maldita gaivota que não tem mais vontade de voar. Isso me tocou porque é como se tivesse aberto uma possibilidade extraordinária para a minha vida. Depois, você disse que o Mistério não se esqueceu de mim e não me deixou sozinho com as minhas tentativas. Pois bem, foi como se isso improvisamente me desse um respiro. Essa passagem, para mim, foi uma ajuda cotidiana, porque quando me vi novamente dentro das coisas do dia a dia, com as dificuldades, o cansaço, a irritação, as coisas que não funcionam, em suma, submerso na realidade, sempre que podia, havia a possibilidade de parar e dizer – visto que também as minhas tentativas eram confusas – que Ele não tinha se esquecido de mim, isto é, podia tomar consciência de que a coisa mais evidente é que Ele não se esqueceu de mim, por tudo aquilo que eu sou. Era como recomeçar, era um ponto de recomeço, dez vezes ao dia.*

Carrón: E como era possível ver que você recomeçava dentro do relacionamento com a realidade?

Colocação: *Primeiro de tudo, porque tirava a minha pretensão sobre a realidade que me deixava irritado. Como dizer: eu estava presente. Não tinha mais a ânsia de dominar a realidade, estava diante da realidade por aquilo que era, com uma abertura, sem a raiva que nasce do fato de ela não ser como eu quero. O ponto que me fazia viver estava presente e, por isso, depois, podia acontecer tudo.*

Carrón: O ponto estava presente. O ponto está sempre presente. Porque O encontramos. Mas, muitas vezes, reconhecer isso é a última coisa que nos passa pela cabeça. Mas, quando alguém recomeça daí, – o Mistério não se esqueceu de mim agora, neste momento –, começa a respirar, e o relacionamento com a realidade recomeça, como diz um testemunho que leio para vocês: “No começo da Jornada de Início de Ano, você disse a seguinte frase: ‘Algo entra na vida e torna-me presente a mim mesmo’”. Ela conta sobre o seu relacionamento com a realidade através do seu trabalho como professora e, depois, diz: “Finalmente, foi-me colocado o problema do depois, isto é, o que acontece depois de ter vivido o encontro e ter-me dado conta de que modo eu posso servir, e coloquei-me o problema do caminho. Imediatamente percebi que se tornava cada vez mais premente a pergunta: do que parto quando estou com as crianças? Bastava partir daquilo que tinha diante de mim: das crianças, da realidade. Isso não teria sido possível sem o trabalho da Escola de Comunidade. Assim, renasci e a minha personalidade floresceu de um modo inacreditável, tanto que neste verão também aceitei fazer o mesmo trabalho. Quando, depois, em setembro, terminei aquele trabalho de verão, comecei a dar aulas de reforço escolar e o método que aprendi não mudou [o problema é aprender um modo para estar na realidade, porque essa pessoa fez um caminho, não trabalhou simplesmente para ganhar o dinheiro que é necessário para viver. Fez um trabalho dentro do trabalho, não somente para aprender a própria profissão, mas para aprender a viver, a viver]. O seguimento à Escola de Comunidade, a afeição a você e a todas as circunstâncias da realidade me fazem ser realmente eu mesma, um eu verdadeiramente unido; nunca estive tão contente e com o coração tão cheio de afeição pelo Movimento, e cada gesto particular tornou-se novamente uma

ocasião para a minha vida. E a prova foi quando tive um aborto espontâneo e, no dia seguinte, fui trabalhar com a dor de ter outro filho no Céu – porque essa foi a segunda vez que isso me aconteceu –, mas com a certeza de que aquela circunstância, assim como todas as circunstâncias, são o modo com o qual Deus me torna unida, e faz com que eu me torne grande [o Senhor nos chama aí, não onde nós decidimos]. E, assim, a minha oração da noite não é mais: amanhã, um filho, mas: faze com que eu aceite a Tua vontade [quer dizer, ajuda-me a viver a realidade enquanto dada, abre os meus olhos para toda a realidade que me dás]”. A nossa amiga começa a pedir não que se cumpra a imagem que ela tem da vida, mas que comece a olhar a realidade que lhe é dada. Cristo entrou no mundo para ajudar nesse caminho humano. O carisma que nós recebemos e do qual participamos, a graça de Dom Giussani é exatamente esta: nos ajudar a estarmos na realidade com toda a nossa consciência de homens. Para nós, a fé tem a ver com toda a realidade, com a concretude com a qual vivemos tudo. Sem isso, nós não perceberemos a fé como pertinente às exigências da vida. Quando, no entanto, acontece, tudo se torna uma ocasião e começamos a olhar desse modo cada gesto que propomos. Por exemplo, a venda de *Tracce*. “Gostaria de contar brevemente o que significaram as palavras do último parágrafo da Jornada de Início de Ano: ‘Eu só posso preferir se me dou conta de que fui e sou preferido, se vivo desta preferência, se esta preferência me torna tão transbordante que se torna contagiante, me torna capaz de preferir todos, de arrastar outros. É assim que podemos arriscar, porque quem não arrisca não poderá reconquistar tudo isso hoje e alcançar aquela unidade de vida que todos desejamos’ (p. 24). Essas palavras tornaram-se teste de verificação nos dois dias de venda de *Tracce* [não é que não tenhamos outra coisa para fazer e propomos gestos somente para preencher o vazio; não! Tudo é uma tentativa, uma proposta para fazer um caminho desse tipo]. De fato, o que eu tinha, a arma que me ajudou nisso, foi somente uma: ser preferido agora. Assim, ao propor a revista, fiz experiência do que quer dizer arriscar o Acontecimento que me tomou e me toma incansavelmente. A venda não foi simplesmente pedir *três euros* pela revista e pelo Dvd, mas contar que a minha vida mudou desde que me senti objeto dessa preferência e que *Tracce* documenta que isso acontece a muitas pessoas no mundo, agora. Porque, para uma pessoa não é a mesma coisa alguém lhe pedir dinheiro para uma revista, ou falar sobre um fato que aconteceu. Então, os encontros foram a possibilidade disso. E uma última coisa: basta a minha pequena abertura em relação a como o Mistério escolhe entrar na minha vida para que isso possa gerar a mesma possibilidade para os outros. Obrigado por me propor esse gesto que fez com que eu me desse conta novamente de que sou preferido”. Nada a ver com instruções de uso da organização de CL! E a mesma coisa acontece com o vídeo. “Gostaria de lhe agradecer pelo belíssimo vídeo dos 60 anos do Movimento porque, ontem, assistindo-o, reencontrei algo excepcional. Ali, não são mostradas coisas sentimentais ou formais, mas pessoas mudadas”. Ponto. Porque, em todo lugar, a pessoa pode ver o que muda a vida. Por isso, todos os avisos que propomos têm um objetivo único: este.

Antes de dar os avisos, leio para vocês uma pergunta que chegou, para lançá-los no trabalho para a próxima Escola de Comunidade, para que vocês a tenham presente, para reconhecer, para surpreender em ação onde está a resposta na experiência, em continuidade com aquilo que dissemos: “Na Jornada de Início de Ano, se vê bem a proposta de um caminho. E é exatamente assim que estou aprendendo a olhar a vida. No percurso há, com uma certa frequência, momentos negros, escuros, nos quais se perde de vista a clareza do início, não se vê bem aonde se está indo. Entendo que nestes momentos se joga muito da vida. Neste período, conheci duas pessoas. A primeira é um jovem que começou seu caminho com uma radicalidade invejável, desejando dar a vida por Jesus; depois, sofreu muito, e isso o levou a uma mudança brusca, abandonou aquela hipótese e dedicou-se a um empenho social e político, sempre no âmbito católico. Agora, quando o reencontrei, vi que mudou de vida, encontrou uma boa menina e um trabalho discreto; tranquilizou-se e está bem assim, naturalmente. Não é um juízo sobre ele que me interessa, mas me fez pensar naquela frase de Oscar Wilde que citamos tantas vezes: ‘Há algo de trágico nos jovens ingleses. Começam com grandes ideais e acabam com uma profissão rentável’. A segunda, é uma amiga que, devido às circunstâncias, vive uma vida monótona fechada entre quatro paredes, belas paredes e em boa companhia, no entanto, são sempre paredes. Não sai, toma conta de uma pessoa idosa. Ela

testemunha uma intensidade e uma riqueza de vida que eu, com minhas mil obrigações, viagens e ocasiões cheias de estímulo, sonho para mim. Essas histórias me fazem entender que estamos sempre diante da alternativa entre o caminho e o declínio. Para usar a sua bela imagem: gaiivotas que levantam voo ou gaiivotas que não têm sequer a intenção de voar”. Então, o que desperta em nós o desejo, a espera, a vivacidade na rotina normalmente ofuscada por esses pontos mortos, por esses momentos escuros? Nós vivemos a realidade, querendo ou não, mas o que nos faz viver intensamente o real, dia após dia? Às vezes, eu gostaria de ter um desejo maior, mas não sei dá-lo a mim”. Verifiquemos que experiência fazemos, continuando o trabalho da Escola de Comunidade tendo presente essa pergunta, que me parece que todos podemos reconhecer como nossa.

AVISOS:

A próxima **Escola de Comunidade** acontecerá na quarta-feira, 19 de novembro, às 21h30. Trabalharemos, ainda, sobre o texto da Jornada de Início de Ano. Lembro que está ativo o endereço de e-mail para o qual vocês podem enviar perguntas e breves colocações sobre o texto da Escola de Comunidade que estamos trabalhando. Peço que enviem até a noite do domingo precedente ao nosso encontro, de modo que tenhamos tempo de ler. O endereço do e-mail é sdccarron@comunioneliberazione.org e peço que vocês o usem só e exclusivamente para a Escola de Comunidade.

Tracce e Dvd dos 60 anos. No último final de semana, fizemos uma venda extraordinária de *Tracce* de outubro à qual foi anexado o Dvd dos 60 anos do Movimento *A bela estrada*. Aconteceram e estão acontecendo muitas iniciativas e encontros interessantes. A coisa mais bonita é a experiência que cada um faz, tornando-se realmente grato e contente pela experiência, como documentam tantos testemunhos que chegam de muitos lugares. Alguns começaram a escrever essas experiências. Propomos que vocês também o façam, escrevendo para este e-mail: filodiretto@tracce.it e para a rede social com o hashtag [#giornatatracce](#) e [#lastradabella](#).
Obs: Na edição de Passos (Brasil), o Dvd será anexado à revista de dezembro 2014.

O livro do mês para outubro e novembro (na Itália) é: L. Giussani, *In Cammino (1992-1998)*, oitavo volume da BUR que conclui a série da Equipe do CLU. Este livro é fundamental pela abrangência do seu conteúdo. Lendo-o, vocês poderão ver como, nas conversas com os universitários nos anos de 92-98, Dom Giussani estava sempre empenhado em chamar a atenção para o essencial, testemunhando-nos o único meio para estar na realidade como protagonistas: o sentido cristão do eu, o eu despertado pelo encontro cristão, o único freio ao poder, do ambiente ou das circunstâncias. Em anos em que a situação externa era muito difícil, a sua constante companhia nos impediu de perdermo-nos pelo caminho atrás de nossos cálculos e projetos, permitindo-nos viver a novidade trazida por Cristo no pertencer à Igreja através do Movimento, como a única possibilidade de fazer um caminho humano. E, diante dos desafios daquele tempo, como diante dos desafios de agora, confrontemo-nos bem com aquilo que Dom Giussani diz, porque nos surpreenderemos encontrando na modalidade de enfrentar os desafios históricos que viviam na época um critério que provavelmente ainda precisamos aprender, como se demonstra pelo modo com o qual enfrentamos os desafios do presente.

Veni Sancte Spiritus